

APRESENTAÇÃO

A edição número 11 da Revell reúne artigos que têm em seu cerne questões ligadas às práticas e teorias narrativas. Por si só, o elevado número de submissões – quase o dobro dos artigos selecionados – atesta essa dupla pujança: das produções narrativas e das reflexões em torno delas, assim como de seus aspectos, desdobramentos, motivações, relações... enfim, de tudo o que, conforme o título do dossiê, concerne aos âmbitos geral da *narratividade*, entendida como a dimensão mais ampla e genérica, a “essência” ou fundamento básico das práticas narrativas, mas também o elemento que permite identificar essas práticas na infinita gama de fenômenos da realidade humana.

E a Revell tem a satisfação de dar a público um dossiê que compõe um significativo – ainda que inevitavelmente fragmentário – painel desse campo tão denso quanto difuso, mas, em todo caso, de peso decisivo no quadro dos estudos literários contemporâneos. O predomínio de textos crítico-analíticos não obsta a amplitude das perspectivas e questões teóricas que emergem no conjunto, e muito menos a relevância de cada uma delas.

Sendo essa duplicidade ou imbricação crítico-teórica uma característica compartilhada por quase todos os textos do dossiê, optamos por organizá-lo segundo critérios basicamente temáticos.

Num primeiro bloco, reunimos os artigos centrados em textos especificamente literários, dispondo-os mais ou menos segundo sua proximidade ou distância temporal a nós. Assim, os artigos que abrem o dossiê e esse primeiro bloco versam sobre obras de autores ainda vivos ou recém-falecidos, a partir de questões e instrumentais teóricos pertinentes.

O artigo que abre o dossiê, “Narrador, focalização e tempo: desvendando sentidos em *A maçã envenenada*, de Michel Laub”, de Leila Aparecida Cardoso de Freitas e Rosana Cristina Zanelatto Santos, é um dos que melhores exemplificam isso, como aliás se explicita desde o título: de fato, é explorando a manipulação consciente dos recursos narracionais no romance estudado que, retomando a conhecida problemática benjaminiana, as autoras do artigo afirmam a permanência da arte de narrar no século XXI, numa análise onde a discussão freudiana acerca do trauma possui papel fundamental.

Também em “A voz e o modo em *O último conhaque*, de Carlos Herculano Lopes”, trabalho assinado por Lydyane de Almeida Menzotti e Ricardo Magalhães Bulhões, a leitura proposta se fundamenta em uma ampla explanação sobre a configuração inusitada de elementos como o tempo e o espaço no romance moderno, a partir da qual os autores buscam demonstrar a importância da

memória e da busca identitária, em seu entrelaçamento com esses elementos, na configuração semântico-estrutural da obra em questão.

Versando igualmente sobre um autor brasileiro contemporâneo, “Os amores de Romeu: o anti-Édipo em *Romeu na estrada*, de Rinaldo de Fernandes” identifica na obra estudada uma versão subversiva do mito de Édipo, num empenho interpretativo onde novamente o espaço (assim como o trauma, embora essa palavra não seja usada) ocupa lugar fundamental, mas agora pelo viés da desterritorialização deleuze-guattariana, o que culmina numa discussão – tão ousada quanto oportuna – acerca das circunscrições geográficas das próprias classificações e valorações críticas, de par com a afirmação do alto valor do romance em análise.

O quarto artigo, “As perspectivas do leitor em ‘A imagem do segador’”, de Larissa de Cássia Antunes Ribeiro, dedica-se ao estudo de um conto de Stephen King. Indiferente à pecha de autor comercial do escritor norte-americano, o trabalho busca identificar como os mecanismos de configuração da diegese em consonância com a tradição do gênero gótico, assim como o jogo entre a perspectiva do protagonista e a do leitor – sendo este o alvo central da análise –, ajudam a produzir os efeitos estéticos almejados.

Segue-se um pequeno conjunto de artigos dedicados a obras de autores portugueses contemporâneos. O primeiro deles, “*Rosa e o ‘baralho viciado’* do gênero biográfico em Mário Cláudio”, de Julia Pinheiro Gomes, discute a complexa interrelação entre biografia e ficção no romance nomeado, terceiro volume de uma trilogia. Partindo de uma proposição de Roland Barthes, busca-se identificar nesse romance contemporâneo uma experiência radical no âmbito de tal intersecção.

Os dois artigos seguintes são dedicados a obras do escritor português José Saramago, ambas, coincidentemente, releituras saramaguianas de episódios bíblicos.

O primeiro, “O narrador errante e paródico em *Caim*, de José Saramago”, demonstra a imbricação da instância narrativa com os demais planos da narrativa em questão, num procedimento que não apenas inverte como desnuda a autoridade constituída na narração bíblica.

Já o segundo, “O José de Saramago: a Bíblia revisitada”, de Simone Achre, centra-se na categoria de personagem, resgatando a importância de uma delas – naturalmente a nomeada no título, geralmente tida como secundária – na configuração semântica de *O evangelho segundo Jesus Cristo*.

Abrindo uma nova sequência de trabalhos dedicados a autores brasileiros, o artigo “Romance e memória de arquivo: a figuração plural da singularidade do Brasil no *Romance d’A Pedra do Reino*”, de Renailda Ferreira Cazumbá e Edvania Gomes da Silva, parte do interessante

conceito de “ficção de arquivo”, ligado à interpenetração de história, cultura e memória, para identificar procedimentos específicos no romance de Suassuna, contextualizado no âmbito de problemas herdados da literatura e da sociedade brasileiras.

“‘O circo’: uma análise do poema narrativo de João Cabral de Melo Neto”, de Samuel Carlos Melo, parte de uma ampla discussão da tradição do poema narrativo para situar nela a obra em questão, expondo sua hibridização de elementos líricos e prosaicamente históricos, além da busca, notória no autor, das soluções métricas adequadas às intenções significantes, aliada às discretas mas decisivas experiências formais cabralinas.

“‘Mosaicos sertanejos’: gênero e narrativa”, de Nathalie Elias da Silva Cavalcante e Danglei de Castro Pereira, recupera a obra esquecida do paulistano Othoniel Motta para demonstrar a complexidade formal e de construção das personagens no texto estudado, apontando uma dialogicidade rara no gênero e no momento a que ele pertence, a saber, a literatura regionalista do pré-modernismo.

No artigo de cunho mais especificamente teórico do dossiê – na verdade um ensaio que emula a forma livre de Walter Benjamin em “O narrador” –, Renan Salmistraro discute “A cultura do trauma no romance”, ou, mais especificamente, os impasses acerca das questões do choque e da experiência no próprio Benjamin, verificáveis na contraposição de suas formulações acerca do romance moderno e da lírica baudelaireana. Abordando de frente essa questão espinhosa, o trabalho vê na recusa benjaminiana dos processos de intelectualização e de abertura para a experiência interior do romance moderno uma explicação para a não-percepção, pelo estudioso alemão, de André Gide – em *Os moedeiros falsos*, obra, portanto, de relevo no ensaio – enquanto romancista que incorpora de forma válida as experiências traumáticas da modernidade.

A literatura portuguesa volta a marcar presença em outro ensaio de fôlego: em “O riso da prosa: o narrador dramatizado de Thomé Pinheiro da Veiga e seus fastos geniais”, Paulo Ricardo Kralik Angelini se vale de liberdades formais para traçar um rico painel das experimentações no romance português contemporâneo, para finalmente encontrar e analisar um exemplo de narrador dramatizado consciente de si próprio (segundo a expressão de Wayne Booth) bem anterior ao Garrett de *Viagens na minha terra*: naturalmente o nomeado no título, em cujo romance *Fastigínia* (ou *Fastigímia*), dos primórdios do século XVII, novamente biografia e ficção se fundem de formas inusitadas.

Recuando para meados do século XIX – e de volta ao Brasil, mas ainda com um pé na Europa –, Eugenio Vinci de Moraes busca identificar, conforme seu título explicita, “A presença da *Divina Comédia* em *Helena* de Machado de Assis”. A partir de uma citação aparentemente fortuita,

o artigo sem empenha em demonstrar como a obra dantesca pode ser identificada como um dos modelos fundamentais, sempre trabalhados pelo gênio machadiano, na construção da intriga e dos conflitos entre as personagens do romance em questão.

Em outro salto temporal e geográfico, esse primeiro bloco se encerra com o artigo “O Inferno em *Eneida*: mito e poesia”, que, conforme o título, averigua a interrelação de elementos míticos e poéticos na epopeia de Virgílio, numa discussão que propõe, a partir de Schelling, o mito como dado fundamental na constituição da arte.

O segundo bloco, dedicado aos artigos que propõem enfoques intersemióticos ou tratam de objetos extraliterários, abre com o trabalho “O cômico e o horrível: *Re-animator*”. Partindo de uma análise comparativa do filme de Stuart Gordon nomeado no título com sua matriz lovecraftiana, assim como das teorizações do próprio H. P. Lovecraft sobre a literatura de Horror, o artigo argumenta pela melhor configuração formal da obra fílmica, graças, em parte, ao uso inteligente de elementos cômicos, cuja função específica nela se busca determinar.

Mais especificamente comparativo, o artigo seguinte, “Questões de narratividade em Julio Cortázar e Michelangelo Antonioni”, de Mayara Regina Pereira Dau Araujo, busca identificar os elementos de construção simbólica e desautomatização da percepção específicos, concernentes aos suportes em questão, do conto “As babas do diabo”, de Cortázar, e do filme de Antonioni que o tem como ponto de partida, *Blow up, depois daquele beijo*.

Segue-se o trabalho “Preceitos aristotélicos na narrativa do cinema – em análise o filme *Match Point*, de Woody Allen”, de Cintia Sacramento Aquino, no qual a *Poética* de Aristóteles cumpre a dupla função, atípica mas interessante, de base analítica e objeto comparativo para estudo do filme referido, e no qual se identificam as fidelidades e infidelidades em relação às formulações do estagirita.

No penúltimo texto Wilker Quadros do Santos versa sobre o heróis no poema narrativo de João Cabral de Melo Neto.

Finalmente, encerra o bloco e o dossiê o artigo “Funções da ciência, ficção científica e mitos do passado e do futuro”, de Guilherme Profeta, onde o que está em questão são menos os problemas concernentes ao gênero (ou subgênero) literário nomeado no título do que as referentes ao próprio pensamento científico, no qual novamente se avalia a presença de demandas míticas e mesmo místicas. Justamente em sua atipicidade, no entanto, o trabalho atesta a importância das discussões empreendidas no âmbito dos estudos literários para a construção do conhecimento no contexto mais amplo das ciências humanas.

Ao dar a público o número 11 da Revell, seus editores têm a convicção de apresentar uma

amostra da riqueza e das potencialidades dos estudos narrativos. É perceptível, nesse conjunto, a dominância ou recorrência de certos temas e tendências, como as questões do choque e do trauma, a pujança dos estudos de literatura portuguesa (e dela mesma, é claro) e também do regionalismo brasileiro (incluindo aí polêmica encetada no terceiro ensaio), mas cabe ao leitor extrair seus próprios aproveitamentos e conclusões de cada texto e do conjunto.

Devido ao grande número de artigos selecionado para o Dossiê *Questões de Narratividade*, nesta excepcionalmente nesta edição não publicaremos as sessões de temática livre, resenha e criação literária.

Ravel Giordano de Lima Faria Paz